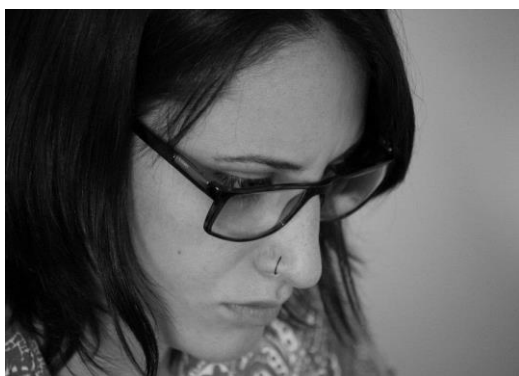


PET.EAA entrevista os professores Flora Villar e Marconi Ribeiro da área de mecanização agrícola

Por Andry Caroline Aguiar
Voluntária do PET.EAA



A professora **Flora Maria de Melo Villar** possui graduação em Engenharia Agrícola e Ambiental pela Universidade Federal de Viçosa (2010), mestrado em Engenharia Agrícola pela Universidade Federal de Viçosa (2012) e doutorado em Engenharia Agrícola pela Universidade Federal de Viçosa (2016). Atualmente é professora Adjunta no Departamento de Engenharia Agrícola na Universidade Federal de Viçosa. Tem experiência na área de Engenharia Agrícola, com ênfase em Projeto de Máquinas e Agricultura de Precisão, atuando principalmente nos seguintes temas: sensoriamento remoto, vibrações mecânicas, simulações e máquinas agrícolas.



O professor **Marconi Ribeiro Furtado Júnior** é Engenheiro Agrônomo (2011), Mestre (2013) e Doutor (2016) em Engenharia Agrícola (Mecanização Agrícola) pela Universidade Federal de Viçosa (MG). Atua nas áreas de Mecanização Agrícola, Projeto de Máquinas Agrícolas, Ergonomia e Segurança em Máquinas Agrícolas, Relação Solo-Máquina-Planta, Capacidade de Tração e Ensaio de Máquinas/Implementos Agrícolas.

Conte um pouco da sua trajetória.

Flora: Eu sou de São José dos Campos e vim fazer Engenharia Agrícola e Ambiental na UFV em 2005, formei em 2010, fiz o mestrado aqui e ingressei no doutorado posteriormente na UFV também. Na graduação eu não tive muito contato com a iniciação científica, eu era monitora de FIS193, onde eu fiquei por 3 anos e só no final do curso que eu comecei estagiar na Mecanização Agrícola com o Professor Francisco e foi aí que eu comecei a me interessar pela área e que acabou sendo onde eu pedi o mestrado, onde eu trabalhei com Sensoriamento Remoto, já no doutorado eu trabalhei na área de projetos de máquinas e vibrações mecânicas.

Marconi: Eu sou natural de Itapeverica (MG) e logo cedo eu saí de casa, com cerca de 14 anos quando fui estudar no CEFET em Araxá. Eu terminei o Ensino Médio e comecei a graduação aqui na UFV em 2006, na Agronomia. Durante o curso, mais ou menos ali na metade dele, eu que já conhecia e gostava da área de Mecanização Agrícola pelo fato de o pessoal lá em casa mexer com fazenda, procurei o Professor Haroldo que na época era quem lecionava a disciplina, querendo um estágio e me envolver na área aqui na UFV. Ele me disse que coincidentemente o monitor estava saindo e ele me sugeriu tentar a monitoria de ENG 338, que eu realmente acabei tentando, passei e fui 2 anos e meio monitor. Nesse tempo eu já comecei também a fazer estágio, começar na parte de aquisição e coletas de dados, experimento à campo, onde eu inclusive cheguei a trabalhar com a Flora auxiliando uma orientada do Professor Francisco. Depois deu certo de ingressar no Mestrado, onde eu trabalhei com a parte de capacidade de tração de máquinas agrícolas. No Doutorado eu também continuei na mesma linha de pesquisas em capacidade de tração de máquinas e eficiência e desenvolvi uma plataforma dinamométrica para ensaio de tração de implemento montado, que geralmente é o tipo de implemento em que a composição de força é um pouco complicada e eu desenvolvi uma plataforma para facilitar essa coleta de dados, deixando também mais eficiente e até mesmo mais segura.

Como/quando vocês se interessaram pela área de Mecanização Agrícola?

Flora: Eu sempre me interessei pela área ambiental durante o curso inteiro, mas eu gostava muito da parte de cálculo, de física e quando eu fiz a disciplina de

Máquinas com o Professor Francisco, eu comecei a me interessar, só que essa é uma disciplina que a gente faz na Engenharia Agrícola e Ambiental mais para o final do curso, então eu comecei mais no final. Eu fiz meu estágio somente no último semestre por conta disso, mas foi aí que despertou meu interesse.

Marconi: Como eu já tinha comentado, eu fui criado em fazenda e já vim com gosto pela área de Máquinas. Quando se é calouro você não sabe bem o que tem na Universidade inteira e a gente tende a ficar naquele “meio” e início da UFV, então o pessoal da Agronomia mesmo conhece mais Solos, Fitotecnia e Fitopatologia. Aí num passeio aqui na Universidade eu descobri que tinha um laboratório de Mecanização Agrícola e eu fui procurar quem era o professor da disciplina e tudo e comecei meu vínculo com a área aqui na UFV, tanto na monitoria, como no estágio também.

Geralmente uma dúvida que temos durante a graduação é como perceber que quer seguir carreira acadêmica. Como/quando vocês descobriram que gostariam de ser professores?

Flora: Eu acho que essa é uma pergunta difícil de responder. Na verdade eu sempre gostei de ensinar. Desde criança eu ia brincar, a gente reunia e eu tinha que ensinar. Eu também sempre gostei de juntar os amigos quando ia estudar, eu aprendia muito mais quando eu estava ensinando alguém. Geralmente quando a gente é monitor a gente tende a ter uma facilidade de passar conteúdo para alguém, então eu acho que começa a desenvolver o gosto pelo ensino. Não necessariamente todo mundo que é monitor será professor, ou todo mundo que faz mestrado e doutorado será professor, porque na verdade quem faz pós graduação tem o gosto pela pesquisa, não necessariamente por ser professor. Eu acho que você vai desenvolvendo, a gente faz disciplinas da pós graduação em que damos aula, então você começa a perceber se gosta ou não. Então não sei a gente tem um “start”, eu acho que ao longo da trajetória gente vai percebendo se gosta ou não, se leva jeito ou não. Não sei se chega um momento que a gente descobre ou não, talvez a gente passe muito tempo sem saber se realmente é aquilo mesmo. Mas eu acho que para a pesquisa a gente ter certeza. Eu tenho certeza que eu gosto de pesquisar! Eu acho que ser professor é um dom, uma vocação e é mais difícil você falar que quer ser professor. É um dom, eu acho que é mais difícil do que você ser pesquisador que você escolhe.

Marconi: Eu acho que como a Flora falou, a questão de ser professor você tem que ter de fato a experiência para você concluir acerca disso, mas eu desde o início da graduação e até mesmo antes, sempre achei o papel do professor muito interessante e muito importante, você participar da formação das pessoas. Só que a gente fica um pouco intrigado, eu só fui passar a ter contato com a docência mesmo na experiência da monitoria. Eu me lembro que no início eu ficava um pouco assim, quando tinha muita gente na monitoria, Nossa Senhora, de longe você ia chegando e via aquele monte de gente na sala e ficava um pouco com vergonha, tímido. Mas aí com o tempo eu fui percebendo que eu gostava de fazer aquilo, fui desenvolvendo, tanto eu quanto a Flora ficamos muito tempo como monitores e eu percebi que eu gostava e que gostaria de manter aquilo. Eu gostava também de pesquisa, como a Flora já comentou que quem entra na pós-graduação tem que gostar de pesquisa.

Há menos de 10 anos, vocês estavam em nosso lugar como graduandos. Como vem sendo a experiência de, em tão pouco tempo, estar como professor? E você acha que estar recentemente na sala de aula aproxima vocês do aluno?

Flora: Eu acho que é um pouco complicado e que às vezes não caiu a ficha, eu me sinto um pouco como estudante ainda, porque na verdade não são 10 anos, são 2, pois no doutorado eu era estudante também, estava na sala de aula também e mesmo sendo um pouco diferente da graduação não deixa de ser estudante. Eu acabei meu doutorado não tem 2 anos, então eu era estudante há 2 anos. Enquanto eu fazia doutorado eu fui professora também na Engenharia Mecânica, eu era estudante dando aula, o que de certa maneira aproxima. Porém eu acho que de certa maneira os alunos tendem a te enxergar de uma maneira menos respeitosa, porque tem a idade próxima, é mais “chegado”, tem uma maneira mais fácil de abordar, então às vezes, não é geral, eu sinto que os alunos tendem a ter esse pensamento. Que por a gente ser mais novo, mais recém chegado pode levar a esse pensamento “ah eu me viro com eles”, sendo que com professores mais velhos eles não teriam essas atitudes. Mas eu acho que é normal porque nos vê como um colega, eu imagino. Mas é uma fase que a gente terá que passar e acredito que nossa postura em sala de aula que indicará para eles que não é bem assim e que tudo tem seus momentos. Dentro da sala de aula deve haver o respeito mútuo, fora da sala de aula a gente pode ter uma amizade tanto com professores mais velho, quanto com alunos, não

importa, mas tem que haver respeito dentro da sala de aula. Mas eu acho que é tranquilo e acredito que a gente leva bem isso.

Marconi: Justamente isso que é uma desvantagem, o aluno ver uma pessoa nova e acaba associando com inexperiência: “esse cara eu consigo dobrar fácil”. Mas tem o lado vantajoso que é a comunicação, que as vezes eu acho que fica mais próxima, “Ah, eu vou ali porque ele é mais de boa”, por assim dizer. “Eu vou conversar com a Flora, porque tá com disposição”, ter esse contato, fica mais acessível. Eu acho que talvez seja uma vantagem dessa característica.

Como você vê o cenário da Mecanização Agrícola nos próximos anos?

Flora: Essa é uma pergunta difícil de responder, porque a tecnologia muda muito, muito rápido. Na nossa região aqui, a gente não tem grandes propriedades, a gente não tem tanto contato aqui fisicamente com a tecnologia. Temos contato pela internet, pelo que a gente lê. Por exemplo, aplicação aqui a gente não tem na prática, é mais difícil a gente abordar, mas o que a gente vê é que tudo tende para sensores, programação, para tecnologias avançadas, seja para área de aplicação de defensivos, ou outras áreas. Não sei a opinião do Marconi, mas pelo que eu tenho visto será tudo via sensor, tudo tendendo para essa área tecnológica. Todas as máquinas terão tecnologias embarcadas de alguma maneira, que é um pouco diferente da nossa realidade aqui, que são em sua maioria pequenos produtores e a gente não tem muito essas máquinas grandes cheias de tecnologia, mas num cenário mais abrangente é isso que a gente tem visto em congressos, em artigos.

Marconi: A mecanização agrícola, como a Flora já disse, tem andado de mão dada com a tecnologia, isso é uma tendência mesmo e isso que vamos ver nos próximos anos, essa chegada crescente da parte eletrônica, controle e automação nas máquinas. Mas devemos sempre lembrar que cada região carece de um tipo de mecanização, então o que atende o Centro-oeste, não nos atende aqui. Até mesmo por parte de pesquisa, deveríamos ter cuidado com essa questão de adaptar as tecnologias que vão surgindo para cada região. Aqui para Viçosa, não devemos relacionar com atraso, devemos empacotar essa tecnologia em algo que seja útil e que seja compatível com condição principalmente de topografia nossa. Tentar colocar essas tecnologias num maquinário adaptado a região e sempre desenvolver. Aqui nós temos uma

situação de pequenos produtores, talvez na região já percebe-se mais uma tendência de Agroecologia, que é uma área que nos também deveríamos pensar no futuro em desenvolver máquinas específicas para esse sistema de produção porque tem muita demanda, realmente é muito deficiente essa parte. No geral é isso mesmo, tentar adaptar, a mecanização tem essa característica, tentar adaptar para a região que ela vai ser inserida, porque você pegar um pacote lá do Mato Grosso e trazer para cá realmente não vai dar certo.

Quais as características que um aluno deve ter para você o escolher como orientado?

Flora: Isso é muito variável. Se você for no Laboratório de Mecanização você vai ver que nenhum estudante tem a mesma característica, de um mesmo orientador. Não tenho isso de falar “Ah, você tem que ter uma característica X!” Acho que o estudante tem que ter vontade de aprender uma coisa nova, principalmente porque no laboratório a gente mexe com pesquisa. Então fazendo estágio ou iniciação científica, o estudante trabalhará com pesquisa, seja ajudando um aluno da pós-graduação ou desenvolvendo a sua própria. Mexendo com pesquisa, ele deve ser curioso, gostar de aprender uma coisa nova que ele nunca estudou, então ele vai ter que ter tempo, paciência para pesquisar aquilo. Então é mais curiosidade, vontade de aprender. Acho que não tem que ter uma característica X. É mais a vontade de aprender mesmo.

Marconi: É basicamente isso, é vontade mesmo e querer crescer, porque cada estudante tem de fato sua característica e nós temos o dever de saber explorar cada uma. Às vezes a pessoa tem mais afinidade com programação, então você já teria que destinar ele para essa área, outros com questão mais de projeto, às vezes construir.... Então é saber direcionar cada perfil, mas tendo sempre como característica a vontade de participar, de crescer, de contribuir com a área.

Que dica vocês dariam para o estudante que ainda está na graduação?

Flora: Eu acho que toda atividade que se faz fora de sala de aula é importante, seja um estágio, buscar sempre diferentes áreas, por exemplo “Ah, eu gosto de solos!”, não ficar só naquilo. Tentar buscar uma área diferente, fazer um estágio ou só um curso em uma área diferente para ver se realmente é aquilo, pois se

Você trabalha em uma área só é claro que você vai gostar só daquilo! Você não conhece outra coisa. Eu acho também que cursos voltados à programação são muito importantes, principalmente porque é tendência tudo ser programado hoje em dia. Então é muito importante, o mínimo de programação. Por exemplo quem participa do PET, faz estágio, acaba diferenciando muito suas áreas de trabalho e eu creio que isso é muito importante. E os alunos deveriam seguir essa linha. Variar bastante, conhecer as grandes áreas, não é porque se faz Engenharia Agrícola e Ambiental que eu vou ficar só fazendo uma coisa. Eu, por exemplo, dei monitoria em física, a gente começa a ver coisas diferentes. Eu desenvolvi meu doutorado numa área mais física, minha área é Mecanização, mas se você for ver meu estudo é basicamente voltado para cálculo, física, então você começa a ver coisas que você pode aplicar por exemplo numa área, mas que não é puramente dela. Você começa a ter horizontes diferentes.

Marconi: Essa questão de diversificar é essencial! Você ter um portfólio da empresa, já que a pessoa é a sua própria empresa. A diversificação ali é importante, conhecer um pouco de cada coisa no geral, igual a colega já comentou a respeito de programação, agricultura de precisão, que apesar de já ser uma tecnologia implementada em várias regiões, às vezes é necessário adaptar, então precisa sempre de gente nessa área ou na área de projetos de máquinas. Quanto mais você puder diversificar, conhecer um pouco de cada coisa, até mesmo para definir “Não, eu quero trabalhar nessa linha!”, acho que é importante. Então o conhecimento nunca esgota. A necessidade de conhecimento, o acesso também nunca se esgotam. Hoje com internet está muito fácil buscar conhecimento além-curso. Isso é muito importante para o perfil do estudante. Tem muita coisa que dá para fazer, aprender fazer crochê, ponto cruz, lá com a sua sogra que às vezes ensina e pode ser bom. (Risos de todos na sala). Aprender a cozinhar, andar a cavalo, isso foi um professor que falou para nós na graduação uma vez: “Tudo que você puder aprender, uma hora vai lhe ser útil”. Na vida acadêmica, profissional, ou numa festa no fim de ano você poder falar alguma coisa de culinária com sua avó.

Geralmente nós alunos temos uma visão de vocês professores muito formal, como se a vida de vocês fosse a Academia. O que vocês costumam fazer nas horas livres?

Flora: Em Viçosa é complicado ter alguma opção de lazer. Eu geralmente vou nos mesmos bares que os estudantes, costumo encontrar muitos estudantes. A

gente não é um “bicho encapsulado” igual a maioria dos estudantes costuma pensar, somos “gente normal”. Eu vejo que muitos professores mais velhos têm receio de sair porque vai encontrar os estudantes. “Ah, mas eu vou sair e só vai ter estudante”, não fica à vontade, porque está com a família, geralmente tem filhos, então são ambientes que não são tão legais. Aqui em Viçosa não tem um ambiente tranquilo, tem um ou dois. Mas eu sou solteira então aqui em Viçosa eu só tenho bar para ir e mesmo assim são poucas opções, porque eu já não conheço tanta gente, eu conheço meus alunos, ou os professores mais velhos, da minha idade são poucas pessoas que eu conheço. Então na verdade eu não faço muita coisa, eu fico em casa ou raramente eu saio. Marconi eu acho que também não varia muito das opções... (Risos)

Marconi: A única coisa diferente que eu faço é a bike no final de semana, que eu dedico boa parte do domingo para andar de bicicleta aí na região. Inclusive eu estou até tentando levar a Flora aí um dia desses. Porque vai fechando muito o nicho de locais, mas eu frequento o mesmo lugar que todo mundo, aparecendo é só chamar! (Risos de todos na sala).

E quando vocês estão em casa, alguém toca algum instrumento, tem animais de estimação?

Flora: Eu tenho dois gatos, Maria Amélia e João Miguel. Não toco nenhum instrumento, não faço nada, assisto séries, sou viciada em série. Então no tempo livre eu estou assistindo série, fora isso, tomo vinho e não faço mais nada. (Risos)

Marconi: Lá em casa eu tenho meus hobbies. Eu toco um pouco de violão, um pouco de viola, um pouco de gaita. Gosto de jogo eletrônico também, então final de semana quando eu quero relaxar eu ligo computador e tiro algumas horas para ficar relaxando e jogando alguma coisa.